

umA FRaçãO DO TODO

STeve TOLTZ

Tradução de
Janaína Marcoantonio





Voce nunca ouve falar de um esportista que perde o olfato num trágico acidente, e por uma boa razão; para que o universo ensine licões dolorosas que somos incapazes de pôr em prática na vida futura, o esportista deve perder as pernas; ofilósofo, a cabeça; o pintor, a visão; o músico, a audição; o chef, o paladar. Minha lição? Eu perdi a liberdade, e me vi nessa estranha prisão, onde a adaptação mais difícil, depois de me acostumar a não ter nada nos bolsos e a ser tratado como um cachorro que mijou num templo sagrado, é a monotonia. Posso conviver com a brutalidade entusiasta dos guardas, com as ereções desperdiçadas, até mesmo com o calor sufocante. (Ao que parece, o ar-condicionado prejudica a concepção social de castigo- como se nos refrescar um pouquinho fosse igual a impunidade.) Mas o que posso fazer aqui para passar o tempo? Me apaixonar? Há uma policial cujo olhar de indiferença é tentador, mas eu nunca fui bom com as mulheres- sempre aceito um não como resposta. Dormir o dia todo? Quando meus olhos estão fechados, vejo o rosto ameaçador que me assombrou a vida inteira. Meditar? Depois de tudo o que aconteceu, sei que a memória não é digna nem da membrana em que está gravada. Não há distrações aqui- pelo menos não o

suficiente-para evitar a catastrófica introspecção. Tampouco consigo reprimir as lembranças com a força bruta.

Tudo o que me resta é me entregar à loucura; fácil, num teatro em que o apocalipse é encenado semana sim, semana não. A noite passada foi um espetáculo particularmente incrível: eu tinha quase pegado no sono quando o prédio começou a tremer e cem vozes furiosas começaram a gritar em uníssono. Fiquei paralisado. Uma rebelião. Mais uma re-volução descerebrada. Não haviam se passado nem dois minutos quando arrombaram minha porta com um pontapé e um sujeito alto entrou, com um sorriso que parecia meramente ornamental.

-Seu colchão. Preciso dele- falou.

-Para quê?- perguntei.

-Tocamos fogo em todos os colchões- ele se gabou, polegares para cima, como se esse gesto fosse o *suprassumo* das conquistas humanas.

-E onde você espera que eu durma? No chão?

Ele deu de ombros e começou a falar numa língua que eu não entendia. Tinha protuberâncias estranhas no pescoço; nitidamente, algo terrível acontecia dentro dele. Todas as pessoas aqui estão com problemas, e seus infortúnios constantes as deformaram fisicamente. Os meus também; meu rosto parece uma uva-passa; meu corpo, a videira.

Dispensei o detento com um gesto e continuei escutando o caos rotineiro da multidão. Foi quando tive a ideia de que *poderia* passar o tempo escrevendo minha história. Obviamente, eu teria de escrevê-la em segredo, encolhido atrás da porta, e apenas durante a noite, e depois escondê-la no espaço úmido entre a privada e a parede e torcer para que meus carcereiros não fossem do tipo que fica de quatro. Eu tinha me decidido sobre esse plano quando a rebelião finalmente apagou as luzes. Sentei na cama, hipnotizado pelo clarão dos colchões em chamas iluminando o corredor, mas fui interrompido por dois outros detentos carrancudos com a barba por fazer que invadiram minha cela e me olharam como se eu fosse uma paisagem serrana.

-É você que não quer dar o colchão?- rosnou o mais alto dos dois, que parecia ter acordado com a mesma ressaca por três anos seguidos.

Eu respondi que sim.

-Sai da frente.

-É que eu estava prestes a dar uma descansada-protestei.

Os dois detentos soltaram risadas altas e perturbadoras, cujo som parecia o de jeans rasgando. O mais alto me empurrou para o lado e arrancou o colchão da cama, enquanto o outro permaneceu imóvel, como se estivesse esperando o degelo de primavera. Há certas coisas pelas quais eu arriscaria o pescoço, mas um colchão cheio de caroços não é uma de-las. Com o objeto desejado entre eles, os detentos pararam na porta.

-Você vem?-perguntou o mais baixo.

-Para quê?

-É o seu colchão-disse ele simplesmente.-Você tem direito a botar fogo nele.

Suspirei.Homens e seus códigos! Mesmo num inferno sem lei, o ser humano tem de se conceder certa honra, de tão desesperado que está por se diferenciar dos animais.

-Tô fora.

-Você que sabe-ele falou,um pouco desapontado.Murmurou algo numa língua estrangeira para o companheiro, que riu enquanto saíam.

Aqui, todo dia tem algo diferente-se não uma rebelião, é alguém tentando escapar. O esforço desperdiçado me ajuda a ver o lado positivo de estar preso. Ao contrário daqueles que estão arrancando os cabelos na sociedade de bem, aqui não precisamos sentir vergonha de nossa infelicidade diária.Aqui temos alguém visível para cupar-alguém de botas lustradas. É por isso que, pensando bem, a liberdade me deixa indiferente.Porque lá,no mundo real,liberdade significa que você tem de admitir a autoria, mesmo quando a história é um lixo.

Por onde começar minha história? Negociar com lembranças não é fácil:como escolher entre aquelas palpitando para ser contadas, as que ainda estão amadurecendo, as que já estão murchando e as destinadas a ser deturpadas pela linguagem e vir à tona pulverizadas? Uma coisa é certa:não escrever sobre meu pai demandaria um esforço mental além da mi-nha capacidade. Todos os meus pensamentos que não são sobre o meu pai parecem claras estratégias para evitar pensar nele. E, de todo modo,

por que eu deveria evitar? Meu pai me puniu por existir, e agora é minha vez de puni-lo pelo mesmo motivo. É justo.

Mas a maior dificuldade é que me sinto diminuído por nossas histórias de vida. Elas pairam sobre nós, desproporcionalmente. Pintamos em uma tela maior do que merecíamos, por três continentes, da obscuridade à celebridade, de cidades a selvas, do lixo ao luxo, traídos por nossos amores e nossos corpos, e humilhados em escala nacional e então planetária, sem praticamente nenhum abraço para nos motivar a seguir em frente. Éramos dois preguiçosos em aventura, flertando com a vida, mas demasiado tímidos para entrar de sola. Então por onde começar a contar nossa terrível odisséia? Com simplicidade, Jasper. Lembre-se, as pessoas ficam satisfeitas-não, impressionadas-com a simplificação de acontecimentos complexos. E, além disso, a minha história é muito boa, e *real*. Não sei por quê, mas isso parece ser importante para as pessoas. Quanto a mim, se alguém me dissesse, “Tenho uma grande história para contar, e cada palavra é a mais absoluta mentira!” , eu já estaria na pontinha da cadeira.

Acho que deveria simplesmente admitir: a história será tanto sobre o meu pai quanto sobre mim. Odeio o fato de que ninguém consegue contar sua história de vida sem fazer de seu inimigo um astro, mas é assim que as coisas são. O fato é que a Austrália inteira despreza meu pai, talvez mais que qualquer outro homem, tanto quanto adora seu irmão, meu tio, talvez mais que qualquer outro homem. Eu também vou aproveitar para esclarecer a história dos dois, mas não pretendo diminuir o amor que todos têm por meu tio ou o ódio que têm por meu pai, principalmente se for um grande ódio. Talvez usem esse ódio para se tornar mais conscientes de quem amam, e eu não quero estragar tudo.

Também devo dizer isto, apenas para deixar tudo às claras?

O corpo do meu pai jamais será encontrado.

Durante a maior parte da minha vida, eu nunca soube se deveria sentir pena, ignorar, idolatrar, julgar ou assassinar meu pai. Seu comportamento desconcertante me deixou indeciso até o fim. Ele tinha ideias

contraditórias sobre absolutamente tudo, em particular sobre minha educação: depois de oito meses no jardim de infância,decidiu me tirar de lá, porque o sistema educacional era “embrutecedor, emburrecedor,arcaico e materialista” . Eu não sei como alguém pode chamar pintura a dedo de arcaico e materialista. Bagunçado, sim. Embrutecedor, não.Ele me tirou da escola com a intenção de me educar ele próprio, e,em vez de me deixar pintar com os dedos, lia para mim as cartas que Vincent van Gogh escreveu ao irmão Theo pouco antes de cortar a própria orelha,e também passagens do livro *Humano, demasiado humano,para* que,juntos,pudéssemos “resgatar Nietzsche dos nazistas”. Depois, passou a matar o tempo olhando para o espaço, e eu ficava sentado no quintal de casa torcendo os dedos e desejando que estivessem cobertos de tinta. Pas-sadas seis semanas, ele me devolveu ao jardim de infância, e, de repente, na segunda semana do primeiro ano, quando começava a parecer que eu po-deria enfim ter uma vida norma1,ele entrou na sala de aula e me arrancou de lá outra vez, tomado pelo medo de que estivesse deixando meu cérebro impressionável “na latrina do diabo” .

Dessa vez ele estava falando sério, e, da mesa manca da cozinha,enquanto batia cinzas de cigarro numa pilha de pratos sujos,me ensinou literatura, filosofia, geografia, história e algumas disciplinas sem nome que incluíam folhear os jornais diários ladrando sobre como a mídia fazia algo que ele chamava de “incitar o pânico moral” e exigindo que eu respondesse por que as pessoas se permitiam ser moralmente levadas ao pânico. Outras vezes, ele me dava aulas sentado em sua cama, em meio a centenas de livros de segunda mão, retratos de solenes poetas mortos,garrafas vazias de cerveja, recortes de jornal, mapas velhos, cascas de banana pretas e duras, maços de cigarros por fumar e cinzeiros cheios dos já fumados.

Uma aula típica corria assim:

-Muito bem, Jasper. É isto: o mundo já não está mais desmoronando de modo imperceptível, hoje em dia desmorona com estrépito!Em todas as cidades do mundo,o cheiro de hambúrgueres avança des-caradamente pela rua à procura de velhos amigos! Nos contos de fadas tradicionais, a bruxa malvada era feia; nos modernos,ela tem macãs do rosto saltados e implantes de silicone! As pessoas não são misteriosas

porque nunca calam a boca! A fé ilumina tanto quanto uma venda nos olhos! Está me ouvindo, Jasper? Algum dia você vai estar andando pela cidade tarde da noite, e uma mulher à sua frente vai se voltar, olhar para você e então atravessar a rua, simplesmente porque alguns membros do seu sexo estupram mulheres e abusam de crianças!

Cada aula era igualmente impressionante, abrangendo uma gama de assuntos. Meu pai tentava me estimular a travar diálogos socráticos com ele, mas acabava representando ambos os lados. Quando, durante uma tempestade, havia um blecaute, ele costumava acender uma vela e segurá-la sob o queixo para me mostrar como o rosto humano é capaz de se transformar em uma máscara maligna com a devida iluminação. Ele me ensinou que, ao marcar encontro com alguém, eu deveria me recusar a seguir o “estúpido costume humano” de escolher arbitrariamente um horário baseado em intervalos de 15 minutos. “Nunca encontre as pessoas às 7h45 ou às 6h30, Jasper; escolha horários como 7h12 e 8h03!” Se o telefone tocava, ele atendia e não dizia nada; então, quando a pessoa do outro lado da linha dizia alô, ele simulava uma voz fina e vacilante e dizia: “O papai não está em casa.” Mesmo sendo criança, eu sabia que um adulto fingindo ser o filho de 6 anos para se esconder do mundo era grotesco, mas muitos anos depois me vi fazendo a mesma coisa, com a diferença de que eu fingia ser ele: “Meu filho não está em casa. Do que se trata?”, eu trovejava. Meu pai balançava a cabeça em sinal de aprovação. Mais que qualquer coisa, ele aprovava o ato de se esconder.

Essas aulas também se davam no mundo lá fora, onde meu pai tentava me ensinar a arte do escambo, embora não vivêssemos naquele tipo de sociedade. Eu me lembro dele me levando para comprar o jornal e gritando com o vendedor, que o olhava perplexo: “Nenhuma guerra! Nenhuma crise na Bolsa! Nenhum assassino à solta! Por que você está me cobrando um preço desses? Não aconteceu nada!”

Também me lembro de ele me sentar em uma cadeira de plástico amarela e cortar o meu cabelo; para ele, aquilo era tão distante de uma cirurgia cerebral que ele se recusava a acreditar que alguém com duas mãos e uma tesoura não seria capaz de fazê-lo. “Eu não vou gastar dinheiro no barbeiro, Jasper. O que é preciso saber? Obviamente, você para quando chega no couro cabeludo.” Meu pai, o filósofo-não podia nem mesmo

fazer um simples corte de cabelo sem refletir sobre o significado daquilo.

“Cabelo,símbolo da virilidade e da vitalidade; se bem que há gente bem flácida com cabelo comprido, e há muitos carecas vigorosos andando por aí. Afinal, por que o cortamos? O que temos contra o cabelo?”,dizia,e desancava o meu cabelo a furiosas e espontâneas tesouradas. Ele também cortava o próprio cabelo, muitas vezes sem usar espelho. “Você não pre-cisa ganhar nenhum prêmio”, dizia, “é só fazer ficar mais curto.” Éramos pai e filho com cabelos dementes e desiguais-personificações de uma de suas ideias favoritas, que só vim a compreender muito mais tarde:háliberdade em parecer louco.

Ao anoitecer, as lições do dia eram rematadas com uma história para dormir que ele mesmo inventava. Argh! Eram sempre contos sombrios,horripilantes, e todos tinham um protagonista que claramente me repre-sentava.Eis um deles: *Era uma vez um garotinho chamado Kasper. Todos os amigos de Kasper pensavam a mesma coisa sobre um menino gordo que morava no fim da rua. Eles o odiavam. Kasper queria continuar sen-do amigo do grupo e por isso passou a odiar o gordo também. Então,ao despertar certa manhã, Kasper descobriu que seu cérebro tinba come-çado a apodrecer, até que finalmente saiu por suas nádegas na forma de dolorosas secreções anais.* Pobre Kasper! Ele passou por maus bocados.Naquela série de histórias para dormir, foi alvejado, esfaqueado, espan-cado,imerso num mar fervente, arrastado sobre cacos de vidro; teve as unhas arrancadas, os órgãos devorados por canibais; sumiu do mundo,explodiu, implodiu; e muitas vezes sucumbiu a espasmos violentos e àsurdez. A moral era sempre a mesma: se você seguir a opinião pública sem pensar com a própria cabeça, sofrerá uma morte repentina e cruel.Durante anos, tive medo de concordar com qualquer um sobre qualquer coisa,até mesmo sobre que horas eram.

Kasper nunca teve um triunfo significativo. É claro,ganhou peque-nas batalhas de vez em quando e foi recompensado (duas moedas de ouro,um beijo, a aprovação do pai), mas nunca, nem sequer uma vez, ganhou a guerra.Agora percebo que foi porque a filosofia do meu pai rendera a *ele* poucas vitórias pessoais: nenhum amor, nenhuma paz, nenhum sucesso,nenhuma felicidade.Sua mente não era capaz de imaginar paz duradoura ou uma vitória significativa; essas coisas não faziam parte de seu reper-

tório de vida. É por isso que Kasper estava condenado desde o início. Nunca teve chance, o coitado.

Uma das aulas mais memoráveis foi quando meu pai entrou no meu quarto com uma caixa de sapato verde-oliva embaixo do braço e disse:

-A lição de hoje é sobre você.

Ele me levou até o parque que havia em frente ao nosso prédio, um daqueles tristes parques desamparados que parecem ter sido palco de uma guerra entre crianças e drogados e em que as crianças levaram a pior. Grama seca, escorregadores quebrados, um par de balancos de pneu à mercê do vento em correntes enroscadas e enferrujadas.

-Olha, Jasper-disse ele, quando nos sentamos em um banco.- É hora de você saber como seus avós se ferraram, assim você pode entender o que com os fracassos dos seus antepassados: você os aceita ou fazer contra eles, cometendo suas próprias gafes gigantes no lado oposto. Todos nós nos afastamos debilmente do túmulo de nossos avós com seu triste ato de morrer soando em nosso ouvido, e na boca temos o ressaibo de sua mais grosseira violência contra si mesmos: a vergonha da vida não vivida. É na simples e constante acumulação de arrependimentos e fracassos, e em nossa vergonha, ou em nossa vida não vivida, que se encontra a chave para entendê-los. Se, por alguma peça do destino, tivéssemos sorte na vida, saltando com vigor de um grande sucesso a outro, jamais os entenderíamos! Jamais!

Ele abriu a caixa de sapato.

-Quero que veja uma coisa-disse, levantando uma pilha de fotografias soltas.-Este é seu avô-continuou, segurando uma foto em preto e branco de um jovem barbudo encostado num poste de luz. O homem não estava sorrindo; parecia que estava se apoiando no poste por medo de cair.

Meu pai passou à fotografia de uma jovem com um rosto ovalco-mum e um sorriso débil.

-Esta é sua avó-disse, antes de folhear as fotografias como se estivesse sendo cronometrado.

O que consegui vislumbrar desse passado monocromático era intrigante. As expressões eram imutáveis: meu avô tinha uma carranca permanentemente angustiada, enquanto o sorriso da minha avó parecia mais deprimente que o mais triste franzir de testa.

Então tirou outra fotografia.

-Este é meu pai número dois. Meu pai verdadeiro. As pessoas sem-pre pensam que o biológico é mais “real” que o homem que realmente nos cria, mas ninguém é criado por uma gota potente de sêmen,é?

Ele segurou a fotografia diante dos meus olhos. Eu não sei se é possível dizer que um rosto é o extremo oposto de outro, mas,ao contrário do rosto solene do primeiro avô, este arreganhava os dentes como se tivesse sido fotografado no dia mais feliz não só da sua vida, mas de todas as vidas em toda parte. Ele vestia um macacão respingado de tinta branca,tinha cabelo loiro despenteado e estava coberto de suor.

-Na verdade eu não vejo muito essas fotos, porque tudo o que enxergo quando vejo fotos de gente morta é que eles estão mortos-disse meu pai.- Não importa se é Napoleão ou minha própria mãe, são simplesmente os Mortos.

Naquele dia soube que minha avó nascera na Polônia,exatamente no infeliz momento em que Hitler aniquilava suas ilusões de grandeza tornando-as reais-surgindo como um líder poderoso com um tino de marketing.Enquanto os alemães avançavam, os pais de minha avó fugiram para Varsóvia,arrastaram-na por toda a Europa Oriental e, após alguns meses angustiantes,chegaram à China.Foi lá que minha avó cresceu - viveu no gueto de Xangai durante a guerra. Cresceu falando polonês,iídiche e mandarim, sofrendo as doenças fastidiosas das monções,racionamento severo e ataques aéreos norte-americanos, mas sobreviveu.

Depois que as tropas dos Estados Unidos entraram em Xangai com as más notícias do holocausto, muitos na comunidade judaica partiram da China para todos os cantos do mundo, mas meus bisavós decidiram ficar,tendo se estabelecido como proprietários de um acougue kosher e de um cabaré multilíngue de sucesso. Isso veio bem a calhar para minha avó, que já estava apaixonada pelo meu avô, um ator do cabaré.Então,

em 1956, com apenas 17 anos, minha avó ficou grávida, forçando as duas famílias a acelerar os preparativos do casamento, como tinha de ser feito no Velho Mundo quando se queria evitar que as pessoas fizessem os cálculos. Uma semana após o casamento, a família de minha avó decidiu voltar para a Polônia, para criar o bebê-o aglomerado de células que se tornaria meu pai-em sua terra natal.

Não foram recebidos de volta de braços abertos, para dizer o míni-mo. Quem sabe se foi culpa, medo de retaliação ou simplesmente a sur-presa indesejada de uma família tocando a campainha e dizendo, “Vocês estão na minha casa”, mas eles estavam em casa havia menos de dez minutos quando, diante de minha avó, seus pais foram espancados até a morte com um cano de ferro. Minha avó fugiu, mas o marido ficou e tomou um tiro por rezar em hebraico pelos corpos dos sogros, embora não tenha chegado a dizer “Amém” e a mensagem não tenha sido trans-mitida. (“Amém” é como o ícone Enviar em um e-mail.)

Vendo-se de repente viúva e órfã, minha avó fugiu da Polônia pela segunda vez em sua juventude, desta vez em um navio que seguia para a Austrália, e, após dois meses contemplando a circunferência intimidante do horizonte, entrou em trabalho de parto exatamente quando alguém gritou, “Lá está!”. Todos correram para a beira do navio e se inclinaram sobre o parapeito. Rochedos íngremes coroados por árvores verdes ador-navam a costa. A Austrália! Os passageiros mais novos soltaram gritos de alegria. Os mais velhos sabiam que a chave da felicidade consiste em não ter demasiadas expectativas, então vaiaram.

-Está me acompanhando?-perguntou meu pai, fazendo uma pausa.- Estes são os tijolos da sua identidade: Polônês. Judeu. Perseguido. Re-fugiado. Estas são apenas algumas das hortálicas com as quais fazemos uma sopa Jasper. Entendeu?

Balancei a cabeça. Eu entendia. Meu pai continuou.

Embora ainda mal soubesse uma palavra em inglês, minha avó se juntou ao meu avô número dois em apenas seis meses. É discutível se isso deve ser motivo de orgulho ou de vergonha, mas ele era um homem cuja família remontava ao último carregamento de criminosos ingleses nativos despejado em solo australiano. Embora seja verdade que alguns condenados foram enviados para lá por crimes sem importância, como roubar um pão, o antepassado do meu pai não fora um deles-isto é, até pode ter sido, mas também estuprou três mulheres, e se após estuprá-las furtou um pão a caminho de casa, não se sabe.

O namoro deles foi rápido. Aparentemente impávido em assumir uma criança que não era sua, em um mês, munido de um dicionário de polonês e um livro de gramática inglesa, pediu minha avó em casamento. “Sou apenas um combatente, o que significa que seremos nós contra o mundo, e é provável que o mundo ganhe facilmente todas as vezes, mas jamais desistiremos de lutar, não importa o que aconteça, que tal?” Ela não respondeu. “Vamos, apenas diga 'aceito'”, rogou ele. “Vem do verbo 'aceitar'. Só precisamos disso no momento.”

Minha avó considerou sua situação. Ela não tinha ninguém para ajudá-la a cuidar do bebê se fosse trabalhar fora, e não queria que a criança crescesse pobre e sem pai. Pensou: “Tenho a falta de escrúpulos necessária para me casar com um homem que não amo pelo bem-estar do meu filho? Sim.” Então, olhando para o rosto desafortunado do futuro marido, pensou: “Eu poderia estar pior”, uma das frases mais ostensivamente benignas, ainda que assustadora, em qualquer idioma.

Ele estava desempregado quando os dois se casaram, e quando minha avó se mudou para o apartamento dele, ficou consternada ao descobrir que estava repleto de um pot-pourri apavorante de brinquedos de macho: carabinas, réplicas de pistolas, miniaturas de aviões de guerra, pesos e halteres. Quando estava imerso na musculação, no kung fu ou limpando sua arma, ele assobiava amavelmente. Em momentos de silêncio, quando vinha a frustração do desemprego e ele era tomado por raiva e depressão, seu assobio era sinistro.

Então ele conseguiu um emprego no sistema carcerário de New South Wales, perto de uma cidadezinha que ficava a quatro horas dali. Ele não ia trabalhar na prisão-ia ajudar a construí-la.

Uma vez que uma prisão logo assomaria nos arredores da cidade, um jornal malévolo de Sydney alcunhou o povoado (em que meu pai cresceria) de o lugar menos desejável para viver em New South Wales.

A estrada que adentrava a cidade era uma ladeira, e quando o carro de meus avós se aproximou, eles avistaram os alicerces da penitenciária no alto de uma montanha. Localizada entre árvores enormes e silenciosas, aquela prisão semiconstruída pareceu, aos olhos de minha avó, estar semidemolida, e o pensamento a afligiu como um mau agouro. Parece um mau agouro a mim também, considerando que meu avô se mudou para essa cidade para construir uma prisão, e agora estou escrevendo sobre uma. O passado é, na verdade, um tumor inoperável que se alastra para o presente.

Eles se mudaram para uma casa quadrada revestida de madeira e, no dia seguinte, enquanto minha avó explorava a cidade, assustando sem querer os moradores com sua aura de sobrevivente, meu avô começou no novo emprego. Não sei exatamente qual era a função dele, mas, ao que parece, durante os meses seguintes ele falou sem parar sobre portas trancadas, corredores frios, medidas de celas e janelas gradeadas. Quando o edifício estava quase pronto, ele ficou obcecado por tudo que tivesse a ver com prisões, e chegou a consultar livros na biblioteca local, recém-inaugurada, para saber mais sobre essas construções e sua história. Ao mesmo tempo, minha avó, com igual dedicação, tratava de aprender inglês, e este foi o início de uma nova catástrofe. Conforme aumentava sua compreensão da língua inglesa, ela começava a entender o marido.

Suas piadas se revelaram estúpidas e racistas. Além disso, algumas não eram nem mesmo piadas, e sim histórias sem sentido que terminavam com meu avô dizendo coisas como “E então eu disse, 'Ah, é?'”. Ela percebeu que ele reclamava o tempo todo da vida, e quando não estava sendo sórdido, era simplesmente banal; quando não era paranoico, era monótono. Logo as conversas fizeram seu rosto bonito ficar feio; sua expressão adquiriu um ar cruel; sua boca, meio aberta, tornou-se a manifestação de sua estupidez. Daí em diante, cada dia era pior devido à nova barreira linguística que se erguia entre eles — a barreira de falar a mesma língua.

Meu pai colocou as fotografias de volta na caixa com uma expressão sombria, como se tivesse tido vontade de passear pelas veredas da memória, mas ao chegar lá tivesse lembrado que estas eram as últimas ruas que queria ver.

-Estes são seus avós. Tudo o que precisa saber sobre seus avós é que eles também foram jovens um dia. Precisa saber que eles não pretendiam ser a personificação da decadência nem queriam se agarrar com especial afinco a suas ideias até o fim. Deve saber que eles não queriam que seus dias se esgotassem. Precisa saber que eles estão mortos, e que os mortos têm sonhos ruins. Eles sonham conosco.

Ele me encarou por uns instantes, esperando que eu dissesse alguma coisa. Hoje, é claro, sei que tudo o que falou era meramente uma introdução. Na época, eu não entendia que, após um monólogo purificante daqueles, tudo o que meu pai queria era que eu o cutucasse, exigindo o monólogo seguinte. Mas eu simplesmente apontei para os balancos e pedi que ele me empurrasse.

-Quer saber?-meu pai falou.-Talvez eu deva mandar você de volta ao ringue para outroround.

Ele ia me pôr na escola outra vez. Talvez soubesse que era lá que eu conheceria a segunda parte da história, que eu inevitavelmente descobriria outro ingrediente crucial de minha própria sopa de identidade.

Depois de um mês na nova escola, eu ainda estava tentando me adaptar ao fato de estar de novo entre outras crianças, e concluí que jamais compreenderia por que meu pai me mandava ora desprezar essas pessoas, ora me enturmar com elas.

Eu tinha feito apenas um amigo, mas tentava acumular mais, porque para sobreviver é necessário não menos que dois, para o caso de um ficar doente. Um dia, na hora do almoço, eu estava parado atrás da cantina assistindo a dois garotos brigarem por uma pistola d'água preta.

-Você pode ser o policial. Eu quero ser Terry Dean-disse um dos garotos.

-Não, você é o policial. Eu sou Terry Dean-retrucou o outro.

Eu também queria brincar.

-Talvez eu deva ser Terry Dean. Afinal, é meu nome.

Eles me olharam daquele jeito sarcástico e superior com que os garotos de 8 anos costumam olhar.

-Meu nome é Jasper Dean-completei.

-Você é parente dele?

-Acho que não.

-Então cai fora.

Aquilo doeu.

-Bom, então eu sou o policial-falei.

Aí eles me deram atenção. Todo mundo sabe que, em jogo de polícia e ladrão, o ladrão é sempre o herói, e os policiais estão lá para fazer número. Eu tinha me oferecido como bucha de canhão; e bucha de canhão nunca é demais.

Brincamos durante toda a hora do almoço, e quando soou o sinal, traí minha ignorância ao perguntar “Quem é Terry Dean?” - uma pergunta que irritou meus companheiros.

-Merda! Você nem sabe quem ele é!

-É o homem mais perigoso do mundo.

-Foi ladrão de banco.

-E assassino!-disse o outro, antes de desaparecerem sem falar tchau, como quando se está numa balada com os amigos e eles se arranjaram com alguém.

Naquela tarde, fui para casa e encontrei meu pai golpeando a beira de um armário com uma banana, produzindo um barulho seco.

-Congelei uma banana-falou, indiferente.-Dá uma mordida...se tiver coragem.

-Eu sou parente de Terry Dean, o famoso ladrão de banco?-perguntei.

A banana tombou como um bloco de cimento. Meu pai puxou os lábios para dentro da boca, e, de algum lugar lá dentro, escutei uma voz miúda e quase inaudível dizer:

-Ele era seu tio.

-Meu o que? Meu tio? Eu tenho um tio?-perguntei, incrédulo.-E ele é um ladrão de banco famoso?

-Era. Está morto-falou, antes de completar:-Era meu irmão.

Aquela era a primeira vez que eu ouvia falar nele. Terry Dean, assassino de policiais, ladrão de bancos, herói da nação, orgulho do combatente - ele era meu tio, irmão do meu pai, e lançaria uma longa sombra sobre nossa vida, uma sombra que durante muito tempo nos impediu de conseguir um bronzeado decente.

Se você é australiano, provavelmente já ouviu falar em Terry Dean. Do contrário, não; porque, embora a Austrália seja um lugar agitado, o que acontece lá tem tanta relevância para os jornais mundiais quanto “Abelha morre na Nova Guiné após ferroar árvore por engano”. Tudo bem. Estamos longe demais. É o que um famoso historiador australiano certa vez chamou de “tirania da distância”. O que ele quis dizer é que a Austrália é como uma senhora solitária morta em seu apartamento; se cada alma viva no continente de súbito tivesse um infarto exatamente ao mesmo tempo, e o deserto de Simpson morresse de sede, e as florestas tropicais se afogassem, e os recifes de corais sangrassem até a morte, dias se passariam até que o cheiro, levado pelo oceano até nossos vizinhos do Pacífico, fizesse alguém chamar a polícia. Senão, teíamos de esperar até que o hemisfério Norte comentasse sobre a correspondência não reco-lhida.

Meu pai nunca falava comigo sobre o irmão. Toda vez que eu pedia detalhes, ele soltava um suspiro longo e profundo, como se este fosse outro retrocesso de que ele não necessitava. Então, embarquei em uma pesquisa independente.

Primeiro perguntei aos colegas de escola, mas obtive respostas tão loucamente díspares entre si que precisei desconsiderá-las. Então, examinei a precária coleção de fotos de família, que antes eu só tinha visto de relance, aquelas que estão na caixa de sapato verde enfiada no armário do corredor. Dessa vez, observei que três fotografias haviam sido cortadas para remover a cabeça de alguém. A operação dificilmente poderia ser descrita como imperceptível. Eu ainda divisava o pescoço e os ombros em duas fotos, e uma terceira eram apenas dois pedaços unidos grosseiramente com tiras irregulares de fita adesiva marrom. Concluí que meu pai tentara apagar qualquer imagem do irmão a fim de esquecê-lo. A inutilidade da tentativa era patente; quando uma pessoa se esforça muito para esquecer alguém, o próprio esforço se torna uma lembrança. Então tem de esquecer o ato de esquecer, e isso também é memorável. Felizmen-

te, meu pai não conseguira eliminar os artigos de jornal que encontrei na biblioteca pública descrevendo as fugas de Terry, a onda de assassinatos, perseguição, captura e morte. Tirei fotocópias e coleí nas paredes do meu quarto, e à noite eu fantasiava que eu era meu tio, o criminoso mais perigoso, e que escondia um corpo no solo e esperava que germinasse.

Numa tentativa de aumentar minha popularidade, contei a todo mundo na escola sobre meu parentesco com 'Terry Dean, fazendo tudo que podia para divulgar o fato sem contratar um publicitário. Foi uma grande notícia por algum tempo, e um dos piores erros que já cometi. No início, diante dos colegas, inspirei admiração. Mas então crianças de todas as idades apareceram do nada querendo brigar comigo. Algumas queriam construir reputação derrotando o sobrinho de Terry Dean. Outras estavam loucas para tirar o sorriso orgulhoso do meu rosto; o orgulho deve ter exagerado minhas feições de maneira pouco atraente. Consegui me livrar de várias brigas só na conversa, mas um dia, antes da aula, meus agressores me pegaram de jeito ao desrespeitar o horário habitual da briga; elas sempre acontecem *depois* da escola, nunca de manhã, antes de as crianças tomarem o café. Bom, o fato é que havia quatro brutamontes com cara amarrada e de punhos cerrados. Eu não tive chance. Estava encurralado. Foi isto: minha primeira briga.

Uma multidão tinha se amontoado para assistir. Eles aticavam a briga no melhor estilo *O senhor das moscas*. Eu os olhava buscando um aliado. Sem chance. Todos queriam me ver gritar e levar a pior. Não levei para o ado pessoal. Era apenas a minha vez, só isso. Vou dizer uma coisa, é indescritível a alegria das crianças em assistir a uma briga. Para uma criança, é um orgasmo natalino. E isso é a natureza humana antes de ser diluída pela idade e pela experiência! Isso é a humanidade recém-saída do forno! Quem afirma que é a vida que transforma as pessoas em monstros deveria dar uma olhada na natureza infantil crua, uma porção de fedelhos que ainda não tiveram nenhuma dose de fracasso, arrependimento, decepção e traição mas ainda assim se comportam como cães selvagens. Eu não tenho nada contra crianças, só não confio que uma delas não ria se eu tropecasse acidentalmente em uma mina terrestre.

Meus inimigos fecharam o cerco. A briga estava a segundos de começar e provavelmente a segundos de terminar. Eu não tinha para onde ir. Eles se aproximavam. Tomei uma decisão colossal: Eu *não encararia*

uma briga. Eu não a enfrentaria como um bomem. Não a enfrentaria como um combatente. Eu sei que as pessoas gostam de ler sobre os pequenos em força que compensam em espírito, como meu tio Terry. Respeitados são aqueles que lutam até o fim, certo? Mas mesmo essas nobres criaturas levam uma baita de uma surra, e eu não queria levar nenhuma surra. Além do mais, lembrei de algo que meu pai havia me ensinado em uma de nossas aulas à mesa da cozinha. Ele disse: “Ouça,Jasper.O orgulho é a primeira coisa que você tem que abandonar na vida.Serve para fazê-lo se sentir bem consigo mesmo. É como vestir um terno em um espantalho e levá-lo para o teatro e fingirque é alguém importante.O primeiro passo para a libertação pessoal é se livrar do amor-próprio.Eu entendo por que é útil para alguns. Quando as pessoas não têm nada,ainda podem ter seu orgulho. É por isso que deram aos pobres o mito da nobreza, porque as despensas estão vazias. Está me ouvindo? Isso éimportante, Jasper. Eu não quero que você tenha nada de nobreza, orgu-lho ou amor-próprio. São ferramentas que só vão ajudá-lo a banhar sua própria cabeça em bronze.”

Sentei no chão de pernas cruzadas. Nem sequer endireitei as costas. Me encolhi.Eles tiveram de se abaixar para acertar meu queixo.Um deles ficou de joelhos para fazê-lo. Eles se alternavam. Tentaram me colocar de pé; deixei o corpo mole. Um deles tentou me segurar, claro,mas eu me fiz de escorregadio e deslizei pelos dedos até atingir o chão.Eu continuava levando uma surra,e minha cabeça era desnorteada por fortes socos, mas o espancamento era desleixado, confuso. Finalmente,meu plano funcionou: eles desistiram. Perguntaram oque havia de errado comigo.Perguntaram por que eu não reagia. Talvez a verdade fosse que eu estava muito ocupado lutando contra as lágrimas para lutar contra as pessoas, mas eu não disse nada. Eles cuspiram em mim e então me deixaram contemplar a cor do meu próprio sangue. Em contraste com o branco da camiseta, era de um vermelho berrante.

Quando cheguei em casa, encontrei meu pai em pé ao lado da minha cama,olhando paralisado para os recortes de jornal nas paredes.

-Jesus.O que aconteceu com voce?

-Não quero falar sobre isso.

-Venha,vamos limpar.

-Não, quero ver o que acontece com o sangue quando você deixa no corpo a noite toda.

-Às vezes fica preto.

-Quero ver.

Eu estava prestes a rasgar as fotos do tio Terry quando meu pai falou:

-Eu queria que você tirasse isso daí-,e é claro que eu as deixei exatamente onde estavam.

Então ele disse:

-Este não é quem ele foi. Eles o transformaram em herói.

De repente, eu me vi amando meu tio degenerado outra vez,e por isso falei:

-Ele é um herói.

-O herói de um garoto é o pai dele, Jasper.

-Tem certeza?

Meu pai se virou e bufou diante das manchetes.

-Você não pode saber o que é um herói, Jasper. Você cresceu em uma época em que essa palavra foi corrompida, destituída de todo significado. Estamos nos tornando o primeiro país cuja população consiste unicamente de heróis que não fazem nada além de celebrar uns aos outros. É claro que sempre transformamos excelentes esportistas em heróis, pois se você tem um bom desempenho representando o país em uma maratona, você é tanto heroico quanto rápido, mas agora tudo o que precisa fazer é estar no lugar errado na hora errada, como o coitado que foi soterrado por uma avalanche. O dicionário o teria definido como "sobrevivente", mas a Austrália está louca para chamá-lo de herói; afinal, o dicionário não sabe de nada! E agora *todos* que retornam de um conflito armado também são chamados de heróis. Antigamente, você tinha que ser valoroso de forma específica *durante* a guerra; agora, só precisa se apresentar. Hoje em dia, quando há uma guerra, heroísmo parece significar "presença"

-O que isso tem a ver com o tio Terry?

-Bom, ele se encaixa na última categoria de heroísmo. Ele foi um assassino, mas suas vítimas foram bem escolhidas.

-Não entendi.

Meu pai se virou para a janela, e, pela forma como suas orelhas se mexiam para cima e para baixo, dava para ver que ele estava falando

consigo mesmo daquele jeito estranho como movimentava a boca mas sem emitir som. Finalmente, falou como gente:

-As pessoas não me entendem, Jasper. E está tudo bem, mas às vezes é irritante, porque pensam que entendem. Mas tudo o que elas veem é essa máscara que uso na presença dos outros, e, na verdade, fiz pouquíssimos ajustes à persona Martin Dean com o passar dos anos. Ah, claro, um retoque aqui, outro ali, você sabe, para acompanhar os novos tempos, mas em essência permaneceu intacta desde o primeiro dia. As pessoas estão sempre dizendo que o caráter de um indivíduo é imutável, mas acima de tudo é a persona que não muda, e não o indivíduo, e por baixo dessa máscara imutável há uma criatura evoluindo como louca, transformando-se sem controle. Eu vou dizer uma coisa, a pessoa mais coerente que você conhece é muito provavelmente um completo estranho, em quem brotam todo tipo de asas, tentáculos e terceiros olhos. Você poderia sentar ao lado dessa pessoa em uma baia de escritório por dez anos e não notar as explosões de crescimento acontecendo bem diante do seu nariz. Para ser franco, qualquer um que disser que um amigo não mudou em anos simplesmente não sabe diferenciar uma máscara de um rosto de verdade.

-De que raios está falando?

Ele foi até minha cama e, após curvar-se sobre a almofada, deitou e se ajeitou em uma posição confortável.

-Estou dizendo que sempre nutri esse sonho de que alguém ouvisse sobre como foi minha infância em primeira mão. Por exemplo, você sabia que minhas imperfeições físicas quase me mataram? Já ouviu a expressão “Quando o fizeram, jogaram o molde fora”? Bom, foi como se alguém pegasse um molde que já tinha sido jogado fora e, apesar de estar rachado e entortado pelo sol e cheio de formigas e depois de um velho bêbado ter urinado sobre ele, o reutilizasse para me fazer. Você também provavelmente não sabia que as pessoas estavam sempre me maltratando por eu ser inteligente. Elas diziam: “Você é inteligente além da conta, Martin, sabichão demais, até irrita.” Eu sorria e pensava que elas deviam estar enganadas. Como alguém pode ser inteligente demais? Não é como ser bonito demais? Ou rico? Ou feliz? O que eu não entendia era que as pessoas não pensam; elas repetem. Elas não processam; regurgitam. Não

-..s umia vaga noção de que não importa o que alguém diga, escolher entre as opções disponíveis não é mesmo que pensar por si mesmo. A única forma verdadeira de pensar por si mesmo é criar opções por si próprio, opções que não existem. Foi isso que minha infância me ensinou e é isso que deve ensinar a você, Jasper, se você me ouvir até o fim. Então, quando as pessoas estiverem falando de mim, eu não serei o único a saber que elas estão redondamente enganadas. Entende? Quando as pessoas falarem de mim diante de nós, você e eu seremos capazes de dirigir olhares secretos e furtivos um para o outro, e será muito divertido, e talvez um dia, depois que eu morrer, você lhes diga a verdade, revele tudo sobre mim, tudo o que eu contei a você, e talvez elas sintam burras, ou talvez deem de ombros e digam, "Ah, verdade? Interessante", e voltem a prestar atenção ao game show ao qual estarão assistindo na TV. Mas, em todo caso, isso é com você, Jasper. Eu certamente não quero pressioná-lo a derramar os segredos do meu coração e da minha alma, a não ser que sinta que isso o tornará mais rico, espiritual ou financeiramente.

-Pai, vai me contar sobre o tio Terry ou não?

-Se eu vou... do que acha que eu estava falando?

-Não faço a mínima ideia.

-Bom, sente-se e fique quieto, que vou contar uma história.

E foi isso. Hora de o papai se abrir e despejar sua versão das crônicas da família Dean, a versão contrária à fofoca mistificadora do país. Então ele começou a falar. Falou e falou sem parar até às 8 da manhã, e se por baixo de todas aquelas palavras ele estava respirando, eu não podia ver nem ouvir, mas é claro que podia cheirar. Quando terminou, eu senti como se tivesse viajado pela cabeça do meu pai e saído um pouco diminuído, ligeiramente menos convencido de minha própria identidade do que quando entrara. Para fazer justiça a seu monólogo ininterrupto, penso que seria melhor se o ouvissem em suas palavras-as palavras que ele legou a mim e que se tornaram as minhas próprias, as palavras que nunca esqueci. Assim vocês conhecem duas pessoas de uma vez só. Assim podem ouvir essa história como eu a ouvi, em parte como uma crônica de Terry Dean, mas predominantemente como a história da infância atípica do meu pai, uma infância adoentada, sob constante ameaça de morte, com

visões místicas, ostracismo e misantropia, seguida de uma adolescência de desamparo, fama, violência, dor e morte.

Afinal, vocês sabem como é. Toda família tem uma história como esta.

Mortimônio

Tenho escutado a mesma pergunta repetidas vezes. Todos querem saber a mesma coisa: como era Terry Dean quando criança? Eles esperam histórias de violência infantil, um bebê de coração corrupto. Imaginam um minicriminoso engatinhando pelo chiqueirinho, perpetrando atos imorais entre uma mamada e outra. Ridículo! Hitler ia marchando a passo de ganso até o seio da mãe? Está bem, é verdade, houve indícios, se quiser interpretá-los assim. Aos 7 anos, quando Terry era o mocinho, nas brincadeiras de polícia e ladrão, ele soltava quem molhasse a mão dele com um pirulito. Quando brincava de esconde-esconde, escondia-se como um fugitivo. Mas e daí? Isso não significa que a pessoa tenha predisposição para a violência gravada no DNA. Sim, as pessoas sempre ficam decepcionadas quando digo que, até onde sei, Terry era um bebê normal; ele dormia e chorava e comia e cagava e mijava e, aos poucos, foi percebendo que era uma criatura diferente, por exemplo, da parede (esta é sua primeira lição na vida: você não é uma parede). Quando criança, ele corria por aí gritando com aquela voz fina com as quais as crianças gritam. Adorava pegar substâncias nocivas e meter na boca (o instinto suicida de um bebê é muitíssimo aguçado) e tinha um tino extraordinário para chorar exatamente quando nossos pais estavam pegando no sono. Pelo que consta, era um bebê comum. Eu era o diferente, embora apenas por minhas incapacidades.

Antes de Terry chegar, nossa vida era dominada pela doença. Hoje me surpreende o quão pouco eu sabia sobre meu estado de saúde, e o quão pouco queria saber. A única coisa que me interessava eram os sintomas violentos (dores de estômago, dores musculares, náusea, tonturas); as causas latentes pareciam totalmente irrelevantes. Não tinham nada a ver comigo. Encefalite? Leucemia? Deficiência imunológica? Até hoje, eu

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "wordbuilder"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).